

PROCESSOS GRUPAIS EM “O SENHOR DAS MOSCAS”: UMA ANÁLISE PICHONIANA

Maíra Lopes Almeida

Emerson Fernando Rasera

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil

RESUMO

Este ensaio objetiva analisar a situação grupal do filme “O senhor das Moscas” a partir da teoria de Pichon-Rivière. Por meio da seleção de algumas cenas, são alinhavados os conceitos da teoria pichoniana ao que é retratado no filme. A obra narra a estória de algumas crianças que sofrem um acidente, ao voltar para casa de avião, e são obrigadas a conviver em uma ilha, sendo que o único adulto presente na viagem, o piloto, falece. Assim, o filme aborda a luta dessas crianças pela sobrevivência e nos permite discuti-lo através dos conceitos pichonianos de papéis, tarefa e tipos de líderes. Essa análise produz um novo olhar sobre esse clássico, enfatizando como os processos grupais influenciam o desenvolvimento da narrativa.

Palavras-chave: O senhor das Moscas, Pichon-Rivière, grupo, Psicologia

GROUP PROCESSES IN "LORD OF THE FLIES": A PICHON-RIVIÈRE ANALYSIS

ABSTRACT

This essay aims to analyse the group situation in the film entitled "The Lord of the Flies" using the theory of Pichon-Rivière. A linkage between theoretical concepts by Pichon-Rivière and scenes portrayed in the film are made. The film tells the story of a group of children who suffer an airplane accident when coming back home, and is forced to live on an island. The pilot, the only adult in the plane, dies. Thus, the film deals with the children struggle for survival and enable us to understand it through the Pichon-Rivière concepts of roles, task and types of leaders. This analysis produces a new perspective of this classic, emphasizing how group processes influence the development of the narrative.

Keywords: The Lord of the flies, Pichon-Rivière, group, Psychology

PROCESOS GRUPALES EN "EL SEÑOR DE LAS MOSCAS": UN ANÁLISIS PICHONIANA

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la situación del grupo de la película "El señor de las moscas" a partir de la teoría de Pichon-Rivière. A través de la selección de algunas escenas, se puede vincular los conceptos de la teoría pichoniana a lo que se retrata en la película. El libro cuenta la historia de unos niños que sufren un accidente de avión al regresar a casa, y se ven obligados a vivir en una isla, y el único adulto en este viaje, el piloto, muere. Así, la película trata de la lucha por la supervivencia de estos niños y nos permite hablar de ella, a través de los conceptos pichonianos de roles, tareas y tipos de líderes. Este análisis produce una nueva mirada a este clásico, haciendo hincapié en cómo los procesos de grupo influyen en el desarrollo de la narración.

Palabras clave: Señor de las Moscas, Pichon-Rivière, grupo, Psicología

A obra "O senhor das Moscas" foi publicada pela primeira vez em 1954, tendo como autor Willian Golding, o qual foi o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1983. Apesar da sua pouca vendagem nos primeiros anos, tornou-se um clássico da literatura do pós-guerra, e foi para as telas do cinema em duas oportunidades: em 1963, sob a direção de Peter Brook, e em 1990, de Harry Hook. A obra narra, de forma intensa e complexa, os desafios enfrentados por um grupo de crianças sobreviventes de um acidente aéreo em uma ilha.

Dada a riqueza dessa obra, ela motivou reflexões em algumas áreas das ciências humanas, especialmente filosofia, direito e psicanálise, voltadas à discussão sobre a maldade (Belo, 2011; Coutinho, 2011; Villa, 2011). No entanto, há uma escassez de trabalhos que a analisam sob a lente da Psicologia, ou que tomam a construção do grupo, suas lutas e conflitos, como objeto de análise. Em uma busca realizada nas bases de dados PePSIC, BVS Psi e PsycINFO, no mês de fevereiro de 2013, a partir das palavras "O Senhor das Moscas/Lord of the flies" e "grupo/group", foram encontrados apenas três artigos, dentre os quais apenas um explorava os processos grupais presentes nessa obra, utilizando o referencial kleiniano (Canham, 2002).

Reconhecendo a importância desses processos no desenvolvimento da narrativa, este ensaio tem como objetivo analisar o filme "O senhor das Moscas" a partir dos processos grupais descritos pela teoria pichoniana, buscando compreender como o grupo se organiza e enfrenta os desafios que se apresentam. Espera-se rastrear os modos pelos quais os membros do grupo vão se relacionar e constituir-se grupo nessa situação-limite que exige deles a convivência e, principalmente, o esforço diário pela sobrevivência.

Considerando o caráter dual da teoria de Enrique Pichon-Rivière (1998) sobre grupos, que descreve como forças opostas influenciam no desenvolvimento da atividade grupal, ela foi selecionada como referencial teórico para analisar os vários momentos do

grupo, os quais são marcados por oposição, conflito e disputa. Dessa maneira, alguns conceitos importantes da teoria serão recortados, como papéis, tarefa, pré-tarefa, projeto e tipos de liderança, e serão utilizados para compreender algumas cenas do filme.

Metodologicamente, esse ensaio está organizado de forma a oferecer uma breve visão da obra “O senhor das Moscas”, tal como retratada no filme dirigido por Hook (1990), bem como da teoria de Pichon-Rivière, a partir do próprio autor e alguns comentadores, para, então, buscar alinhar alguns conceitos com cenas do filme, oferecendo uma nova forma de entender o desenvolvimento da narrativa.

O presente ensaio pretende, assim, contribuir para uma nova leitura sobre esse clássico, expandindo suas possibilidades interpretativas, bem como apontar a riqueza da teoria pichoniana para análise das situações grupais.

“O SENHOR DAS MOSCAS”

O filme narra a estória de algumas crianças que, ao voltarem para casa de avião, após uma viagem, caem no mar e são obrigadas a conviver em uma ilha. O único adulto presente na viagem, o piloto, fere-se gravemente, vindo a falecer. A partir da queda do avião, o filme retrata a tumultuada convivência dos infantes, suas novas possibilidades e limitações, assim como as tentativas de arranjos grupais.

A ilha que serve como cenário para o desenrolar da trama é fundamental nesse sentido, uma vez que é um ambiente paradisíaco e selvagem, mas que oferece as condições básicas para a subsistência, como água e comida, embora exija que os infantes lutem por isso.

A situação nova que se apresenta às crianças, todas provenientes de um colégio interno, implica em uma mudança de postura. Obrigados a conviverem, têm de suportar essa situação grupal forçada, ao mesmo tempo em que é necessário se adaptar a essa nova realidade. Assim, convocam uma assembleia em que decidem que aquele que está com a concha tem a palavra nas conversas entre eles. Além disso, fazem uma votação para escolher um líder. No entanto, os jovens acostumados à vida na sociedade, aos poucos, começam a se deixar governar por seus instintos.

Por meio da nova realidade do grupo, eles dividem-se em tarefas que se referem à caça, preocupação com as condições climáticas e um constante pedido de socorro. O fato de estarem sem adultos em uma ilha, contrasta com as dificuldades que a sobrevivência impõe. A disputa pelo poder e as discordâncias referentes à sobrevivência dão lugar à violência e a selvageria.

Vale ressaltar que, segundo a Biblioteca da Folha (<http://biblioteca.folha.com.br>), “Senhor das Moscas” é a tradução literal da palavra hebraica Ba'alzebul, ou em português, Belzebu, que, conforme o Dicionário Aurélio, significa o nome de um dos demônios, o chefe dos espíritos malignos, o que mostra a visão pessimista do autor em relação à humanidade, e que atravessa toda sua obra.

A TEORIA DE PICHON-RIVIÈRE

Pichon-Rivière, psicanalista argentino e psicólogo social, foi um importante autor para as teorias de grupo. Segundo Bernstein (1989), suas primeiras experiências com grupos iniciam-se com os grupos familiares, sendo que suas hipóteses grupais começam a se configurar, assim como sua concepção de grupo interno, que se apresenta por meio do vínculo transferencial. Nesse sentido, o pensamento de Pichon-Rivière estabeleceu o esteio para a compreensão da doença mental nos grupos familiares por meio da noção de *porta voz ou depositário* da patologia familiar, ou seja, de que um dos elementos do grupo familiar era escolhido para ser o depositário de toda a doença daquele grupo (Gomes & Levy, 2009).

Ao final da década de 1940, Pichon-Rivière formulou o conceito de grupo operativo, que sintetiza a aproximação entre a Psicologia Social e a psicanálise. Na visão de Pichon-Rivière (1998), o grupo é definido por um conjunto de pessoas que se relacionam através da sua mútua representação interna, compartilham tempo e espaço, e estabelecem uma rede de papéis, formando vínculos entre si.

Assim, por um lado, o grupo operativo se baseia em cumprimento da tarefa, mas sempre buscando “um olhar macro sobre a realidade, tentando explicitar as relações de poder que atravessam as relações grupais” (Lima, 2011, p. 221). Nesse sentido, a técnica deste grupo, segundo Bastos (2010), se fundamenta na construção de um processo de aprendizagem para os sujeitos, de forma que aprender em grupo colabora para “uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações” (p. 161). Em uma perspectiva social, de acordo com Lima (2011), Pichon utilizou o materialismo histórico dialético como um recurso para sua teoria. Assim, acredita-se em um sujeito que, concomitantemente, influencia e é influenciado em suas relações com o outro.

Por outro lado, apesar de Pichon-Rivière elaborar termos específicos de sua técnica de grupos operativos, sua teoria possui fortes influências da psicanálise. A psicanálise no pensamento de Pichon-Rivière é percebida pela relevância de alguns conceitos, tais como identidade, transferência e vínculo. Segundo Campos, Campos e Rosa (2010), para Pichon-Rivière, “o grupo tem como operador a identidade: a emergência da tarefa e sua transformação em projeto de vida, em superação da doença, e é operada por um trabalho terapêutico de resgate da cultura e da partilha de identidades” (p. 506).

Assim, na relação grupal, a partir dos aportes do materialismo histórico e da psicanálise, combinam-se objetividade e subjetividade na construção da aprendizagem. Afonso, Vieira-Silva e Abade (2009) ressaltam que “a organização de todo grupo é a um só tempo “objetiva” e “subjetiva”, envolvendo racionalidade e afetividade. A aprendizagem se relaciona aos objetivos racionais do grupo tanto quanto às suas ansiedades, medos e prazeres” (p. 710).

Segundo Bastos (2010), a noção de aprendizagem adquire importância na teoria de Pichon, na medida em que o autor a concebe como

sinônimo de mudança, sendo necessária uma relação dialética entre sujeito e objeto e não uma visão unilateral, estereotipada e cristalizada. A aprendizagem centrada nos processos grupais coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros (p. 161).

A partir disso, conforme Grando e Dall'agnol (2010), a aprendizagem é mediadora do processo relacional que se estabelece entre os sujeitos, e que torna possíveis as ações transformadoras dos sujeitos envolvidos. Esse processo ocorre num movimento espiral, dialético e busca realizar a tarefa proposta. Na teoria pichoniana, a tarefa se constitui como o meio para alcançar o objetivo estabelecido pelo grupo e também prover uma necessidade.

O grupo se propõe à realização de uma tarefa, explícita ou implicitamente. Esta tarefa se constitui de aspectos conscientes (tarefa explícita) e inconscientes (tarefa implícita). Essa tarefa, conforme Castanho (2007), é um objetivo em comum do grupo, ou seja, algo que desejam realizar em conjunto, de forma que Pichon define o grupo operativo como um grupo centrado na tarefa e “os processos de aprendizagem e comunicação possibilitam realizar essa tarefa” (Berstein, 1989, p. 117).

O caminho dos grupos operativos passaria por três etapas: pré-tarefa, tarefa e projeto. A pré-tarefa configura-se como aquele momento em que “a presença dos medos básicos determinam a utilização de técnicas defensivas que estruturam o que se denomina resistência à mudança” (Saidon, 1986, p.189). Segundo Afonso, Vieira-Silva e Abade (2009), no momento em que o grupo elabora seus objetivos, propõe-se a uma mudança e, concomitantemente, resiste à mesma, de forma que os autores apontam que a resistência em mudar provoca barreiras emocionais que prejudicam a aprendizagem e a comunicação. Essas barreiras são caracterizadas pelas chamadas ansiedades básicas, que são evocadas pela mudança e constituem-se como a ansiedade de perda e de ataque. A primeira refere-se ao medo de perder o que já se possui enquanto a segunda caracteriza-se pela ansiedade do desconhecido que pode ser perigoso. Assim, de acordo com Berstein (1989), os mecanismos da pré-tarefa constituem-se como recurso para assegurar o sujeito dos sentimentos de ambivalência e culpa que são característicos da situação depressiva básica.

Segundo Castanho (2007), quando o grupo alcança o momento da tarefa, não significa necessariamente estar realizando uma determinada atividade proposta. A tarefa, para Pichon-Rivière (1998), acontece no momento em que há uma elaboração de ansiedades e a emergência de uma posição depressiva básica, de forma que Castanho (2007) aponta que

esta elaboração ou transformação psíquica concomitante é o aspecto propriamente terapêutico do grupo operativo no sentido de promoção de saúde mental. Ela é, no grupo operativo, disparada pela tarefa proposta ao grupo. Porém, se a dissociação entre o sentir, o pensar e o fazer estão presentes, é

possível realizar a tarefa proposta explicitamente ao grupo sem a concomitante elaboração psíquica. Pichon-Rivière chama este fenômeno de “como se” (p. 14).

Sendo assim, Castanho (2007), aponta a tarefa em suas duas dimensões: a explícita e a implícita. Em sua dimensão explícita, há a realização pragmática do que havia sido proposto, enquanto na implícita ocorre a elaboração psíquica. Para Pichon-Rivière (1998), a tarefa está em andamento quando ambas estiverem caminhando juntas.

O Projeto consiste no momento em que o grupo consegue ir para além do aqui e agora, de forma que consegue propor objetivos e planejar o futuro, “assumindo sua “nova” identidade, melhor adaptado à realidade com a qual ele interage e passando a funcionar de maneira original e como um grupo operativo” (Silva & Villani, 2009, p. 27).

No processo grupal, os membros do grupo assumem, bem como colocam os outros em diferentes papéis. Pichon destaca quatro papéis tipicamente presentes na dinâmica grupal: porta-voz, líder, bode expiatório e sabotador. Segundo Saidon (1986), o porta-voz caracteriza-se por ser o depositário da ansiedade grupal e a expressar de várias formas. Por outro lado, o bode expiatório configura-se como o depositário das dificuldades e recebe a culpa pelos fracassos grupais, enquanto o sabotador é o depositário das forças que vão em oposição à realização da tarefa.

Saidon (1986) também afirma que a constatação do tipo de liderança de um grupo é fundamental, pois a estrutura e a função do grupo dependem diretamente desse tipo de liderança que o coordenador assume. Assim, Pichon cita alguns tipos de líderes, quais sejam: autocrático, democrático, *laissez-faire* e demagógico. O líder autocrático possui uma forma diretiva e rígida de lidar com o grupo, ao passo que na liderança democrática há um intercâmbio entre líder e grupo em forma de uma espiral permanente. O líder *laissez-faire* assume parcialmente sua função enquanto o líder demagógico é um impostor, uma vez que se mostra como democrático, mas se baseia numa liderança autocrática e, às vezes, age como *laissez-faire*.

O GRUPO OPERATIVO EM “O SENHOR DAS MOSCAS”: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

No filme “O Senhor das Moscas” é possível encontrar vários elementos que vão ao encontro da teoria de grupo proposta por Pichon-Rivière. Conforme os conceitos mencionados anteriormente, pode-se analisar a dinâmica do grupo de meninos isolados na ilha a partir da teoria pichoniana. A partir da seleção de algumas cenas, procura-se evidenciar o processo grupal existente na narrativa.

Logo no início do filme, durante a noite, ao se perceberem sozinhos na ilha deserta, reunidos em um círculo, questionam-se se há mais alguém ali e se há água e comida, mostrando que estão com sede e com fome. Nesse momento, quando todos falam sobre suas necessidades, Ralph diz a eles que todos estão com sede e fome, mas que deveriam ir dormir, pois no dia seguinte resolveriam o que fazer, e suas palavras são acatadas por todos. Observa-se, nesse momento, que embora não tivessem feito um

acordo explícito sobre quem seria o líder, Ralph, de alguma forma, desempenha este papel.

No dia seguinte, um dos meninos encontra uma concha e a mostra para Ralph. Ele consegue emitir som com ela, e os outros, quando escutam, vão todos em sua direção. Ao chegar, Ralph estabelece a norma de que quem estiver com a concha tem a palavra. Um dos garotos pergunta a ele se aquilo é como uma assembleia, e ele diz que sim, com a diferença que os que querem falar, podem mesmo falar. Nessa cena, nota-se o caráter democrático da 'liderança' de Ralph, uma vez que ele permite a todos que falem. Assim, mesmo que sem uma votação ou algo que o elegeisse, Ralph assume, nesse momento inicial, o papel de coordenador, e divide com os outros o poder da palavra, ou seja, o instrumento mais eficaz da comunicação, que é tão cara para o desenvolvimento grupal na teoria de Pichon-Rivière.

A partir disso, a palavra passa para um dos garotos, apelidado de Piggy, que mostra seu raciocínio sobre a importância de serem resgatados, e Ralph corrobora isso, sugerindo que façam uma fogueira. Outro integrante, Jack, pede, então, a palavra para concordar com o que havia sido dito. Ouve-se a voz de algum dos participantes questionando quem seria o líder. Alguns afirmam que deveria ser Ralph, por ser o coronel, e outros apoiam Jack por ele ser o mais velho, tensionando, desde então, uma rivalidade entre os dois. No entanto, decidem fazer uma votação, de modo que Ralph vence com a maioria dos votos e Jack afirma a ele: *“Você acabou de ganhar as eleições”*. Novamente, Ralph tem uma atitude de um líder democrático, ao responder: *“Isso não interessa. Funcionamos em grupo e construiremos um acampamento”*.

É importante ressaltar a importância que essa assembleia inicial assume, uma vez que se caracteriza como um dos pontos fundamentais do filme na articulação com a teoria pichoniana, posto que há um líder democrático que agrega o grupo, estabelece prioridades, divide responsabilidades, possibilita a todos que expressem sua opinião e inaugura um canal de comunicação por meio da concha. Além disso, nessa assembleia é possível perceber vários apontamentos do que será visto ao longo do filme. De forma sutil, e de acordo com a teoria de Pichon-Rivière, podem-se notar algumas configurações de papéis e a constituição da tarefa.

Ao retomarmos o conceito de liderança democrática para Pichon-Rivière, e como exposto por Saidon (1986), como um líder que promove um intercâmbio com o grupo em forma de uma espiral permanente, nota-se que Ralph atua dessa forma. Ele, como um coordenador democrático, em outra cena tenta fazer com que o grupo não se disperse quando os garotos apontam que alguns de seus objetos pessoais estão sumindo. Vários deles apoiam as punições físicas para quem for pego roubando, e ele une o grupo para mostrar a importância de que pesquem mais e sejam estabelecidas regras mais rígidas, não enfatizando, contudo, a questão dos castigos físicos.

Dessa forma, percebe-se a forma democrática com que Ralph exerce sua liderança durante seu “governo”, na maneira com que ele lida com o grupo, dando voz a todos os garotos, ressaltando a importância grupal em detrimento de um coordenador específico que dê as ordens e atentando-os para as metas que devem ser realizadas em cada momento.

Piggy, durante a assembleia inicial, aponta soluções e demonstra a necessidade de que o grupo seja resgatado da ilha, expressando a eles o seu raciocínio. Durante todo o filme, ele fica ao lado de Ralph como seu aliado, adquirindo, muitas vezes, o papel de porta-voz, de forma a jogar para longe os impedimentos que surgem na realização da tarefa e explicitando soluções que podem ajudá-los na execução. Dois exemplos ilustrativos ocorrem quando ele sugere a Ralph que montem uma jangada e que façam um relógio de sol. Além disso, é interessante notar que é por meio dos óculos de Piggy que os garotos conseguem acender a fogueira.

Perdidos na ilha, sem recursos e com a dúvida do resgate, pode-se conceber a tarefa do grupo como a sobrevivência. Segundo Dall'agnol, Magalhães, Mano, Olschowsky e Silva (2012), “a tarefa apresenta-se como um eixo em torno do qual os grupos se organizam, podendo ser compreendida como o objetivo comum do grupo” (p. 187). No filme, a sobrevivência torna-se a finalidade que o grupo espera alcançar e, para isso, sob a liderança de Ralph, estabelecem alguns passos, como acender uma fogueira, criar um grupo para a caça e a pesca, entre outros.

É possível pensar que, ao longo do enredo, apesar dos garotos se alternarem entre a pré-tarefa e tarefa, funcionam a maior parte do tempo em pré-tarefa, e não alcançam o projeto. Evidencia-se a pré-tarefa nos momentos em que Jack e os outros garotos optam pela diversão em detrimento dos objetivos reais do grupo. Eles alçam a caça a um patamar elevado em detrimento de todas as outras necessidades básicas, entre elas, serem resgatados. A realização da tarefa, para Berstein (1989) depende da logística, estratégia, tática e técnica. A logística possibilita notar contra quais dificuldades o grupo terá de lutar. A estratégia consiste em definir os objetivos finais e o caminho pelos quais eles serão atingidos. A tática é como esse plano se articula na prática e a técnica são os recursos e instrumentos utilizados. Esses quatro passos podem ser sucessivos ou simultâneos e se a tarefa vai mal, precisa-se distinguir em qual deles está o problema.

No caso do filme, acredita-se que houve um problema de logística, afinal a desagregação do grupo foi uma importante dificuldade que não foi prevista, e o líder, Ralph, não soube como lidar quando isso ocorreu. No entanto, problemas com a estratégia e a tática também podem ser citados, uma vez que os objetivos finais eram iguais, porém as diferentes formas de se chegar a ele foram preponderantes na desarticulação grupal, e não houve uma reavaliação da tática ao se detectarem problemas na aplicação prática.

A situação vivida no filme consiste em um extremo; na medida em que a convivência é forçada e permanente, há um ambiente selvagem e uma não garantia da sobrevivência, que podem intensificar as ansiedades básicas. O desconhecido e perigoso, no caso do filme, é um real concreto e palpável que, ao entrar em contato com a dimensão psíquica, pode provocar ecos no próprio indivíduo.

No decorrer do filme, a rivalidade existente entre Jack e Ralph se acentua a ponto de criarem-se dois grupos rivais. A displicência de alguns garotos responsáveis pela fogueira e que, por estarem caçando, deixam um helicóptero passar sem pedir por resgate, provoca a ira de Ralph. Eles se reúnem e Ralph os questiona. Nesse momento, Jack expressa seu descontentamento com o grupo, afirmando que eles parecem estar

num jardim de infância e cria um acampamento para os que querem caçar e se divertir. Ralph tenta demovê-lo da ideia, mas não consegue. A partir disso, pensa-se em Jack como o que adquiriu, durante certo tempo, o papel de sabotador do grupo para, posteriormente, tornar-se um líder de seu próprio acampamento, que definiremos como autocrático.

Pichon-Rivière (1998) destaca a mobilidade nos papéis como um fator importante para o grupo se tornar operativo. A ausência dessa mobilidade pode ter sido um dos fatores que dificultaram o desenvolvimento do grupo. Na distribuição de papéis, parece que Ralph permaneceu a maior parte do tempo como líder, e Jack como sabotador, até o ponto do grupo romper-se em dois. Desde o início do filme, durante a liderança de Ralph, Jack assume o papel do sabotador, ou seja, aquele que é a referência no tocante às forças opostas à realização da tarefa e que, para Saidon (1986)

determina o aparecimento de mecanismos de segregação. A segregação é o fantasma que ameaça constantemente o grupo e é uma tentativa fracassada de redistribuição da ansiedade, o que implica em dificuldades para enfrentar situações de mudanças (p. 191).

Sendo assim, esse papel assumido por Jack pode ser percebido logo no começo do filme, quando Piggy demonstra sua vontade em ser resgatado e Jack repete que isso não acontecerá, e que eles devem se acostumar com sua nova realidade. Ao priorizar a caça e menosprezar a fogueira, deixando escapar uma chance de resgate, novamente Jack provoca a segregação que posteriormente será deflagrada de fato. Pode-se entender Jack como um elemento desagregador que, a todo momento, afirma aos garotos que eles não serão salvos, causando a desunião do grupo, dando prioridade apenas à caça e prejudicando a realização da tarefa.

A ideia de um monstro que vive na ilha, expressa por Jack e seus seguidores para os garotos do outro acampamento, cria um imaginário geral de perigo e medo. Ralph tenta dizer a eles que isso não é real, no entanto, paulatinamente, o acampamento de Jack vai ganhando mais adeptos enquanto o de Ralph diminui. Na medida em que um piloto salta de paraquedas na ilha durante uma batalha de aviões e morre na queda, os garotos que cuidavam da fogueira naquele momento veem a cena e acreditam se tratar deste monstro. A partir disso, a criação do outro acampamento, a ideia do monstro e do perigo torna-se realidade para eles, e com o grupo já desagregado, apenas Piggy e Simon permanecem, de fato, ao lado de Ralph, que passou de porta-voz para bode expiatório. Sobre esse intercâmbio de papéis, Silva e Villani (2009) afirmam que é possível perceber que

o porta-voz pode se tornar o líder da tarefa, e o grupo inicia um momento de cooperatividade. No entanto, se o porta-voz não é ouvido, ele passa a ser o bode expiatório do grupo e os outros passam a hostilizá-lo de modo sutil, pois não reconhecem sua mensagem. Há ainda, dentro desse processo, o papel do sabotador, que surge quando o nível de ansiedade é tal que fugir da tarefa lhe

parece mais agradável do que ter de realizá-la. Ele cria outras necessidades como sendo mais importantes e tenta levar o grupo a seguir seus passos (p. 26).

Assim, quando o acampamento de Ralph perde sua força, ele se torna o bode expiatório, ou seja, aquele em quem são depositadas todas as dificuldades do grupo e visto como culpado por seus fracassos. O papel do bode expiatório “surge apenas quando o grupo não aceita o que foi dito pelo porta-voz, que, por conseguinte, torna-se o bode-expiatório” (Câmara & Câmara, 2012, p. 7). Observa-se, no filme, que o grupo, desagregado por Jack, não segue mais Ralph e é contrário ao que ele propõe, sendo que ele assume, então, esse papel. Isso fica claro na cena final quando os garotos liderados por Jack, após assassinarem Piggy e Simon, que eram os únicos aliados do antigo líder, passam a correr atrás de Ralph para fazer o mesmo com ele.

Pode-se pensar nos conflitos existentes entre Jack e Ralph por meio das diferenças em suas formas de alcançar a tarefa, no caso, a sobrevivência. Enquanto Ralph caracteriza-se como um líder democrático que dá aos outros integrantes do grupo a palavra e prioriza o diálogo, Jack configura-se como um líder autocrático que, conforme Silva e Villani (2009), é do tipo tirano que dá as ordens para serem seguidas sem questionamentos. É possível destacar isso na cena em que o grupo de Jack mata um porco e eles vão até o acampamento de Ralph chamá-los para a festa que haveria mais tarde. Quando começam a falar com Ralph, Jack ordena aos garotos que gritem, no que se pode encarar como sendo uma reverência a ele. Mais tarde, quando Ralph e os outros garotos chegam à festa, eles estão entoando uma espécie de grito de guerra liderados por Jack, numa clara demonstração de um líder autocrático, no sentido em que ele centraliza a atenção do grupo, tanto para dar ordens como para estabelecer tarefas e mantê-los coesos. Ralph aponta isso a dois garotos que em certo momento estão cuidando da fogueira, mostrando que se eles não enfrentam Jack, acabam por se tornar escravos dele.

A cena final, como já citada anteriormente, consiste nos garotos do acampamento de Jack correndo atrás de Ralph para matá-lo, já que é o único sobrevivente que não se adequou ao grupo. Ao chegar à praia, ele encontra um militar e começa a chorar compulsivamente, enquanto o militar pergunta aos outros garotos, que estão como selvagens, o que eles estão fazendo. É interessante sublinhar que ao verem o militar, a câmera foca nos garotos selvagens, e suas expressões são muito significativas, algo como que um *insight*. Talvez, neste momento, eles tenham tido a percepção de como estava o funcionamento grupal e sua permanência na pré-tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de analisar Ralph, Jack, Piggy e companhia a partir da teoria de Pichon-Rivière permitiu uma nova leitura desse clássico da literatura. Enquanto o tema predominante das outras análises presentes na literatura enfatizavam a discussão sobre a maldade, a natureza humana e o direito, esse ensaio permitiu compreender como determinados processos grupais de liderança, conflito e cisão influenciam o desenvolvimento do enredo.

Além de enriquecer a interpretação sobre “O Senhor das Moscas”, esse ensaio também facilitou a compreensão da proposta pichoniana. Isto porque os conceitos deste autor foram pensados a partir de práticas grupais cotidianas, enquanto o grupo deste filme está exposto às condições extremas, onde a luta pela vida renova-se a cada dia. Esse caráter emergencial vivido pelo grupo permitiu dar maior visibilidade aos processos emocionais que ocorrem em qualquer grupo, porém, nem sempre são facilmente reconhecidos.

Finalizando, é importante enfatizar que quando se busca entender uma obra de arte por meio de um vocabulário teórico específico, corre-se o risco de não jogar luz sobre vários pontos possíveis e importantes. A proposta deste trabalho de analisar o filme “O senhor das Moscas” a partir da teoria de Pichon-Rivière, provavelmente, deixou vários aspectos em aberto para discussão. Desse modo, espera-se que este trabalho sirva como um convite à reflexão e às novas possibilidades de olhares para esse filme, de forma a preencher as lacunas aqui deixadas.

REFERÊNCIAS

- Afonso, M. L. M., Vieira-Silva, M., & Abade, F. L. (2009). O processo grupal e a educação de jovens e adultos. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 707-715.
- Bastos, A. B. B. I. (2010). A técnica de grupos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo Informação*, 14(14), 160-169.
- Belo, F. (2011). *O Animal na Obra de Freud: Uma leitura de O senhor das Moscas*. Recuperado de <<http://www.fabiobelo.com.br/>>.
- Berstein, M. (1989). Contribuições de Pichon-Rivière à psicoterapia de grupo. In L. C. Osório (Org.), *Grupoterapia hoje* (pp. 108-132). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Biblioteca Folha (n.d.). *O Senhor das Moscas – Sinopse*. Recuperado em 20 de março, 2013, da <http://biblioteca.folha.com.br/1/19/sinopse.html>.
- Câmara, I. L. S., & Câmara, U. F. S. (2012). Dinâmicas de grupo e oficinas psicopedagógicas: Facilitadoras da relação de vínculo entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Eletrônica dos Cursos de Pedagogia das Faculdades OPET*, 1(1), 1-11.
- Campos, D. T. F., Campos, P. H. F., & Rosa, C. M. (2010). A confusão de línguas e os desafios da psicanálise de grupo em instituição. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(3), 504-523.
- Canham, H. (2002). Group and gang states of mind. *Journal of Child Psychotherapy*, 28(2), 113-127.
- Castanho, P. C. G. (2007). O momento da tarefa no grupo: Aspectos psicanalíticos e psicossociais. *Revista da SPAGESP*, 8(2), 13-22.
- Coutinho, J. N. M. (2011). *Direito e psicanálise: Interseções e interlocuções a partir de O Senhor das Moscas de Willian Golding*. São Paulo: Lumen Juris.
- Dall’agnol, C.-M., Magalhães, A. M. M., Mano, G. C. M., Olschowsky, A. & Silva, F. P. (2012). A noção de tarefa nos grupos focais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(1), 186-190.

- Gomes, I. C., & Levy, L. (2009). Psicanálise de família e de casal: Principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. *Aletheia*, 29(1), 151-160.
- Grando, M. K., & Dall'agnol, C. M. (2010). Desafios do processo grupal em reuniões de equipe da estratégia saúde da família. *Escola Anna Nery*, 14(3), 504-510.
- Hook, H. (Diretor). (1990). *O Senhor das Moscas*. [DVD]. Estados Unidos: Fox Home Entertainment.
- Lima, P. A. (2011). Contextualização da terapia de grupo: Uma pequena apresentação da história e do desenvolvimento de algumas propostas de trabalhos com grupo. *IGT na rede*, 15(8), 217-226.
- Pichon-Rivière, E. (1998). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Saidon, O. I. (1986). O grupo operativo de Pichon-Rivière: Guia terminológico para construção de uma teoria crítica dos grupos operativos. In G. Baremlitt (Org.), *Grupos: Teoria e técnica* (pp. 169-200). Rio de Janeiro: Graal.
- Silva, G. S. F., & Villani, A. (2009) Grupos de aprendizagem nas aulas de física: As interações entre professor e alunos. *Ciência & Educação*, 15(1), 21-46.
- Villa, F. (2011). A psicanálise tem meios para refletir sobre o mal?: Estudo feito em torno do livro "O espírito do mal". *Reverso*, 33(61), 47-57.

Sobre os autores

Máira Lopes Almeida é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia.

Emerson Fernando Rasera é professor associado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

E-mail de correspondência com a autora: maira.psicoufu@gmail.com

Submissão: 18/09/2013
1ª reformulação: 21/11/2013
Aceite final: 29/11/2013